



**"WE WOL BEEN AT OURE LARGE":
A Mulher de Bath através das lentes do feminismo**

**"WE WOL BEEN AT OURE LARGE":
The Wife of Bath through the lens of feminism**

Ana Luiza Souza Tavares¹

RESUMO: Esse artigo é uma revisita à monografia de sua autora (Tavares, 2020), e objetiva responder à pergunta de quais das ações e falas da Mulher de Bath se assemelham às crenças e críticas do movimento feminista contemporâneo. Isso se dá porque as coisas que a personagem diz e faz quebram múltiplos estereótipos e expõem muitas semelhanças com algumas das ideias discutidas pelo feminismo, apesar de ela existir na sociedade misógina do século XIV. O propósito é descrever a representação feminina no Prólogo e Conto da personagem, bem como identificar semelhanças entre seu discurso e ações e o feminismo, embora com o cuidado de não cometer anacronismo. É um trabalho relevante, visto que permitiu a afirmação de que, apesar do contexto fortemente sexista e patriarcal da Idade Média, ainda é possível encontrar atitudes de resistência pelas mulheres, ainda que sutis ou controversas. Devido a sua natureza qualitativa, a análise mostrou que a Mulher de Bath se alinhou com o movimento feminista, mas, concomitantemente, foi contra ele. Ao fim do estudo, não foi possível rotular a personagem como "anti-feminista" nem como "proto-feminista", já que ela se posiciona em posições ambas convergentes e divergentes em relação às crenças do movimento.

Palavras-chave: A Mulher de Bath; *The Canterbury Tales*; feminismo contemporâneo; representação literária feminina.

ABSTRACT: This article revisits its author monograph, and it aims to answer the question of which of the Wife of Bath's actions and speeches resemble contemporary feminism's beliefs and criticism. This is because the things the character says and does break multiple stereotypes and show many similarities to some of the ideas discussed by feminism, despite the fact that she exists in misogynistic 14th century society. The goal then is to describe female representation in the character's Prologue and Tale, as well as identify similarities between her speech and actions and feminism, taking care, however, not to commit anachronism. It is a relevant work, since it allowed the affirmation that, despite the Middle Ages' strong sexist and

¹ Mestra em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Representação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Estuda as representações da figura feminina na literatura. Graduada em Letras – Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: aluizast@hotmail.com

patriarchal context, it is still possible to find resisting attitudes from women, even if subtle or controversial. Due to its qualitative nature, the analysis showed that the Wife of Bath aligned with the feminist movement but concomitantly went against it. By the end of the study, it was not possible to label her as either "antifeminist" or "protofeminist", since she positions herself in both converging and diverging positions in relation to the movement's beliefs.

Keywords: The Wife of Bath; *The Canterbury Tales*; contemporary feminism; female literary representation.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No século XIV, quando ainda estava vivo, Geoffrey Chaucer já era considerado um grande escritor e poeta por ambas as classes altas e baixas da sociedade. A popularidade do seu trabalho, porém, continuou a se expandir ao longo dos séculos, e ele foi consagrado como o maior escritor da literatura inglesa. Como aponta Scanlon (2009, p. 165), "Chaucer é o poeta inglês mais antigo a ser lido continuamente desde o seu tempo até o presente".² ³ Essa relevância se dá por ambos os fatos de que ele foi o precursor do título de "autor" – já que ele viveu em um período no qual "autores" não existiam da mesma maneira que nos dias atuais – e do realismo em suas obras, as quais representavam as diversas classes sociais de seu tempo de maneira acurada ao ponto de alcançarem tais classes sociais, ao invés de somente as classes mais altas e aristocráticas. A Chaucer também é creditada a transformação da língua inglesa no que ela é no presente: o assim chamado Inglês Moderno é considerado por estudiosos um produto direto do trabalho literário Chauceriano, devido a ele ter optado por usar o Inglês Médio em suas obras, apesar de este ser falado somente pelas classes mais baixas.⁴

Chaucer escreveu muitas obras ao longo de sua vida – desde trabalhos originais até traduções de seus contemporâneos. A mais conhecida, entretanto, é *The Canterbury Tales* – Os Contos da Cantuária, em português –, uma narrativa em verso sobre vinte e nove peregrinos, os quais estão viajando em direção à Catedral de Canterbury para visitar o túmulo de São Thomas Becket, a fim de homenageá-lo. O narrador – o qual também é um dos peregrinos – apresenta cada um de seus companheiros de viagem, e conta como eles decidem contar duas histórias cada um – um conto na ida, e um na volta – numa tentativa de passar o tempo durante a longa viagem.⁵ Cada um dos peregrinos recebe seu próprio prólogo antes de contar sua história, a qual também é utilizada como uma forma de descrever as próprias personagens, descrição esta muitas vezes realizada de forma implícita, por meio das falas e ações das personagens.

² Todas as traduções do inglês para o português foram por mim realizadas.

³ "Chaucer is the oldest English poet to be read continuously from his own time to the present".

⁴ Scase (2009) define o Inglês Médio como sendo toda variação da língua inglesa que existiu entre 1100 e 1500, e que se opõe ao chamado Inglês Antigo (ou Anglo-Saxão), o qual era falado antes da Conquista Normandia de 1066. Tratava-se de um vernáculo falado pelas classes baixas na Inglaterra do século XIV, com a aristocracia se limitando a falar francês e latim, até as obras de Chaucer popularizarem o anteriormente mencionado Inglês Médio.

⁵ Quando começou a escrever *The Canterbury Tales*, o objetivo de Chaucer era narrar a jornada dos vinte e nove peregrinos, dando um prólogo a cada um e fazendo cada um contar dois contos, um durante a ida ao túmulo e outro na volta. Entretanto, o escritor faleceu no ano de 1400, deixando seu trabalho incompleto.

Dos vinte e nove peregrinos, a Mulher de Bath – denominada Alice – tem sido a mais analisada ao longo dos anos: a primeira coisa que chama atenção sobre ela é o fato de seu Prólogo ser mais longo que o conto narrado por ela – algo que não acontece com nenhuma das outras personagens – bem como o mais longo de todo o livro. Isso dá ao leitor uma visão muito mais ampla de sua personalidade. Além disso, há o fato de que ao longo de seu Prólogo e Conto, Alice rompe com inúmeros estereótipos: ela é uma mulher viajando por conta própria, ela foi casada cinco vezes e admite não ter problemas em casar-se uma sexta, ela não se veste ou age da maneira esperada de uma mulher – principalmente uma viúva – e ela expõe pontos de vista sobre experiência de vida, e a relação entre esposa e marido que não eram particularmente típicas – ou mesmo aceitas – naquele tempo.

Como consequência de suas idiossincrasias, a Mulher de Bath tem sido estudada e analisada por acadêmicos de muitos ângulos e, nos últimos anos, ela capturou a atenção de um ramo mais recente da crítica literária: o feminista, cujo foco se dá em revisitar e analisar a representação de personagens femininas, como definido por Showalter (1981). Essa área da crítica literária, consequência da entrada do movimento feminista no mundo acadêmico, busca revisitar e revisar como personagens mulheres são retratadas em obras literárias: seu objetivo principal é analisar se essas personagens se adequam a ou rompem com os estereótipos que são típicos da figura feminina na literatura, e os quais tem sido perpetuados pelo fato de a crítica e a escrita literárias terem sido dominada por homens.

Esse artigo é um recorte e uma revisita – diz-se, uma versão “resumida”, porém também revista – ao trabalho de conclusão de curso de sua autora (Tavares, 2020), o qual objetivou analisar o Prólogo e o Conto da Mulher de Bath de Chaucer sob a perspectiva do feminismo. Com a cautela de não cometer anacronismo,⁶ busca por remanescentes, por ecos, das ideias e críticas do feminismo contemporâneo nas falas e ações da Mulher de Bath, em ambos seu Prólogo e Conto. Também observa como ela, enquanto personagem do sexo feminino, é representada. A presente análise, de natureza descritiva, bibliográfica e qualitativa, tem como fim responder à pergunta: quais falas e ações da Mulher de Bath se assemelham às crenças, críticas e reivindicações do movimento feminista contemporâneo?

Em sua fundamentação teórica, usará trabalhos de Donovan (2006), Rooney (2006), Eagleton (2003) e Zolin (2009) sobre o feminismo e sua história. Estudos por Carruthers (2005), Evans e Johnson (2005), e Mann (2002) sobre a Mulher de Bath enquanto personagem feminina e suas relações com teorias feministas atuais também serão utilizados – especificamente na seção de análise. No presente artigo uma edição de 2005 de *The Canterbury Tales* de Chaucer, traduzida para o Inglês Moderno – presente no corpo do trabalho – também foi utilizada, em união com uma versão de 1991 traduzida para o português por Paulo Vizioli – esta última se fazendo presente nas notas de rodapé.

A respeito da conclusão, é importante apontar: uma resposta final e universal para a pergunta postulada não foi possível devido à natureza qualitativa do estudo. Ao longo da seção de análise, afirmações contraditórias foram feitas pelo mesmo motivo, embora – ao fim do estudo – o objetivo do artigo tenha sido de fato alcançado.

⁶ A Mulher de Bath – Alice – não pode ser considerada ‘feminista’ ou ‘antifeminista’ porque ela – bem como seu criador, diz-se, Chaucer – existiram em um período da história no qual o movimento social não existia. Afirmar que a personagem é ou não feminista, ou que expõe ideias integralmente feministas, seria cometer anacronismo. No presente artigo, quaisquer falas ou ações da personagem serão vistas como semelhantes ou divergentes ao ideário do movimento, porém como meros ecos e não uma representação completa deste.

Esse artigo se divide em duas seções principais: a primeira explora o feminismo e sua crítica literária – a qual se inicia na seção a seguir – enquanto a segunda lançará seu olhar sobre a famosa personagem de Chaucer sob as lentes teóricas explicitadas – a qual tomará lugar na seção número 3.

2 MULHERES, FEMINISMO E LITERATURA: UM BREVE HISTÓRICO

O feminismo nos moldes em que é conhecido no atual século XXI teve sua consolidação no século XVIII, quando o Iluminismo estourou na França. Como Donovan (2006) aponta, foi nesse período que se notou que as ideias revolucionárias de que todo ser humano possuía direitos naturais e inalienáveis na verdade não incluíam as mulheres – expondo a crença de que elas *não eram* seres humanos. Daí em diante, a expansão do movimento se iniciou: desde *A Vindication to the Rights of Women*, escrita por Mary Wollstonecraft – a qual denunciava a socialização das mulheres para se verem como inferiores aos homens, e clamava pela educação de meninas a fim de se desenvolverem/evoluírem enquanto seres humanos – até a Primeira Onda no século XIX – a qual lutou contra a subjugação e opressão das mulheres, bem como por seus direitos civis. Como explica Donovan (2006), esse foi um “feminismo cultural”, fundamentado na crença de que todo o mal e toda a corrupção existente no mundo era um resultado direto do patriarcado – isto é, da dominação e opressão das mulheres pelos homens – e que a melhor forma de conter essa sociedade seria dar às mulheres seus direitos civis, posto que elas eram donas de uma superioridade moral derivada exatamente de sua posição de opressão na sociedade. Foi também nesse período que começou a florescer a crítica acerca da dependência moral e econômica das mulheres nos homens como um condicionamento social – isto é, a ideia de que a maneira como a sociedade funcionava levava as mulheres a dependerem dos homens em todo aspecto de suas vidas, mas especialmente no financeiro/econômico.

No século XX, o movimento feminista continuou a lutar pelos direitos das mulheres, iniciando-se com o sufrágio feminino na década de 1920, e se movendo em direção à sua Segunda Onda, a qual foi denominada “feminismo radical”, devido ao seu foco no sexism⁷ como a raiz de toda opressão e subjugação das mulheres. Como apontado por Donovan (2006), essa “fase” afirmava que a liberação das mulheres só seria possível quando elas reconhecessem e rompessem com o condicionamento social que determinava que elas tinham que ser gentis, frágeis, flexíveis e cooperativas.⁸ Ainda de acordo com a autora, haviam certas estruturas que seriam pontos em comum para as mulheres universalmente, como as seguintes: opressão política – caracterizada pela ausência de poder político e participação na sociedade pelas mulheres –, a atribuição de papéis domésticos e cuidado emocional, produção econômica restrita a uso e não à troca – as mulheres não produziam para compra e venda, somente para consumo próprio/da família –, a existência de certas experiências físicas que só podiam ser vividas por mulheres – como menstruação, parto e amamentação – e a contínua violação na forma de assédio sexual, estupro

⁷ No presente artigo, o termo foi diretamente traduzido do inglês, ‘sexism’, e será considerado e utilizado em seu significado comum, isto é, a crença de que pessoas do sexo feminino são menos inteligentes, capazes ou habilidosas do que aquelas pertencentes ao sexo masculino – o que leva a preconceito, discriminação e opressão em todas as áreas da sociedade. Verbete disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sexism>. Acesso em: 06 de julho de 2023.

⁸ É importante frisar – como faz Donovan (2006) – que essas características ‘frágeis’ só eram aplicáveis a mulheres brancas. Das mulheres negras, as características esperadas eram ‘dureza’ e ausências dessas características ‘femininas’, como emotividade, afabilidade e fragilidade.

e/ou abuso físico e emocional – às vezes, todos de uma vez. Tudo isso – ou seja, o fato de a sociedade ter sido moldada para se adaptar aos homens, e de as mulheres terem sido marginalizadas – resultou em uma “cultura das mulheres”, a qual permitiu que elas experienciassem a vida de uma forma diferente. Por sua vez, tal fato expôs a ideia de que as mulheres deveriam tentar desmontar o patriarcado para “regê-lo”, baseando-se em suas próprias crenças e não tentar inverter as posições de poder e, consequentemente, dominar e oprimir os homens. O objetivo principal era que as mulheres adquirissem equidade em relação aos homens, que possuíssem os mesmos direitos e oportunidades e fossem vistas como seres humanos igualmente merecedores de existir.

A luta contra o patriarcado se estendeu ao século XXI, e

se tornou mais específica, dando mais atenção às diferenças entre as mulheres – particularmente aquelas de raça, classe social, pano de fundo étnico, e sexualidade. Mas a divergência fundamental dentro da teoria feminista continua a ser entre aquelas pessoas que afirmam que as mulheres constituem um grupo cultural separado, com seus próprios valores e práticas, e, do outro lado, aquelas que resistem a essa suposição⁹ (Donovan, 2006, p. 199).

O feminismo do século XXI – também às vezes chamado “Feminismo de Terceira Onda” ou “Feminismo Interseccional” – se tornou um movimento baseado na crença de que a multiplicidade de pontos de vista, experiências, culturas e tradições resulta também em diferentes tipos de opressão. Similarmente, ambas Rooney (2006) e Eagleton (2003) apontam o quão plurais e diversas, mas concomitantemente contraditórias, as teorias feministas são entre si, expondo incontáveis subdivisões, as quais se adaptam aos contextos particulares de cada mulher na sociedade. A opressão, sob essa perspectiva, pode tomar uma miríade de formas ao redor do mundo, e as teorias feministas vêm tentando se adaptar de acordo.

Em meio às mudanças decorrentes das queixas e denúncias do movimento, se deu – finalmente – a entrada das mulheres no mundo acadêmico, a qual resultou na influência delas no mundo literário e no ramo da crítica literária. Isso pelo fato, como postula Rooney (2006, p. 73), de que “feminismo então sempre envolve uma ‘reescrita’ da feminilidade ou feminilidades, das categorias que definem as mulheres como mulheres”.¹⁰ A partir desse ponto de vista, o feminismo busca reescrever a imagem patriarcal e construída por homens das mulheres, levando em consideração das inúmeras possibilidades do que “ser uma mulher” e “ser feminina” significam, assim como o fato de que as mulheres quase nunca definiram a si próprias.

Ao discutir a crítica literária feminista, Zolin (2009) explica que esse ramo foi crucial para questionar a prática acadêmica patriarcal – a qual sempre foi dominante –, ressaltando também o fato de que – devido às suas experiências de vida extremamente diferentes – as mulheres também experienciaram e criaram literatura de maneiras diferentes. O que a crítica literária feminista faz é reconhecer a presença das mulheres como ambas consumidora e produtora de obras literárias, bem como

⁹ “[...] has become more specific, paying more attention to the differences among women—particularly those of race, class, ethnic background, and sexuality. But the fundamental divergence within feminist theory continues to be between those who assert that women form a separate cultural group with its own values and practices and, on the other hand, those who resist this assumption.”

¹⁰ “feminism thus always involves a ‘rewriting’ of femininity or femininities, of the categories that define women as women”.

reavaliar o cânone literário, analisando-o através de lentes que divergem das convenções masculinas e patriarcais. Também observa diferenças de gênero no texto, e como estas moldaram e limitaram as vidas das mulheres, tanto no papel como na vida real – já que a literatura reflete a sociedade, e vice-versa.

Para Showalter (1981), esse ramo da crítica literária feminista leva em consideração as mulheres como leitoras, consequentemente lendo obras literárias com a intenção de analisar como as personagens mulheres são representadas, independentemente do sexo do autor da obra.¹¹ Objetiva também revisitar trabalhos literários canônicos, e “reestudar” essas personagens a fim de observá-las, utilizando um “ponto de vista da mulher”. Isso inclui identificar adesão com ruptura de estereótipos femininos baseados no contexto da narrativa.

Com base nos fundamentos teóricos expostos na presente seção, a seguinte terá como foco a análise das ações e falas de uma das personagens mais famosas de Geoffrey Chaucer: Alice, A Mulher de Bath.

3 ECOS FEMINISTAS NOS PRÓLOGO E CONTO DA MULHER DE BATH

Já no Prólogo Geral,¹² o narrador de Chaucer estabelece que a Mulher de Bath – Alice – não se trata da personagem mulher “típica”. Em primeiro lugar, ela é uma vendedora de tecidos bem-sucedida, cuja experiência é enfatizada e elogiada pelo narrador, o que é feito de modo a deixar claro que a razão para seu sucesso é sua própria habilidade. Apesar de Alice provavelmente ter herdado de um de seus maridos a profissão – o que era possível para mulheres nesse período, como Mortimer (2008) expõe – é importante salientar que não somente a Mulher era economicamente independente, mas também intelectualmente capaz de lidar com os negócios e de fazê-los prosperarem. Tal fato entra em conflito com a crença de que mulheres detém um intelecto inferior ao dos homens e precisavam depender destes para serem economicamente bem-sucedidas, não podendo prosperar por “seus próprios méritos”.

Outra forma na qual Alice diverge do “típico” e “adequado” é através de suas escolhas em vestimenta: ela não se veste da maneira esperada de uma mulher e, mais importante, uma viúva no século XIV; ao invés disso, ela usa roupas e tecidos os quais fazem-na parecer pertencer a uma classe social mais alta, e os quais expressão poder e a paixão dela pela vida – como suas calças de montaria na cor escarlate. Vestir trajes que ela gosta independentemente do que era esperado de seu gênero e de sua classe social alinha Alice às reivindicações do feminismo pelos direitos das mulheres concernentes à liberdade de expressão e seus direitos à sua própria individualidade, visto que elas sempre foram controladas pela sociedade machista, a qual impunha sobre elas como deveriam se vestir e o que deviam fazer com seus corpos. Alice recusa as imposições de sua sociedade, e toma as rédeas de quem ela é, de sua individualidade. Não somente isso, mas sua aparência física e o modo como ela age quando está com outras pessoas também expõe uma ruptura com estereótipos femininos: a personagem possui um “rosto ousado”, e não age com timidez ou de maneira silenciosa quando está em público, mesmo se esse público for

¹¹ Esse ramo se diferencia do outro proposto por Showalter (1981), o qual ela denomina ‘ginocrítica’, e que foca na análise de obras literárias escritas por mulheres – diz-se, estilos de escrita, gêneros, e outras características literárias.

¹² O Prólogo Geral marca o início da obra, momento no qual o Chaucer-narrador menciona e descreve todos os peregrinos. Depois disso, cada viajante é descrito em seu respectivo Prólogo e, em seguida, narra seu conto.

majoritariamente masculino. Tais ações entram em confronto com o condicionamento social pelo qual as mulheres passaram, no qual delas eram sempre esperados invisibilidade e silêncio, especialmente na companhia de homens – os quais, por sua vez, agiriam de forma “barulhenta” – no sentido de não restringirem suas vozes e opiniões – e dominante. Alice é o exato oposto: ela não se cala e não aceita ser silenciada, consequentemente rejeitando a submissão que era esperada de seu gênero. Isso também expõe não só que a personagem não respeita as tradições e imposições de seu tempo, mas ela também se impõe como superior e mais experiente que suas companhias de viagem – especificamente quando o assunto é casamento. Ao fazer isso, a personagem realiza uma inversão da hierarquia do patriarcado, como discutido por Evans e Johnson (2005, p. 1), hierarquia na qual a experiência das mulheres não é valorizada, enquanto a dos homens é supervalorizada. Nesse ponto, vale ressaltar ainda que os companheiros de viagem de Alice – a maioria deles, homens, incluindo um monge, um cavaleiro e um “homem da lei” – demonstram respeito por ela, aceitando sua superioridade e valorizando sua “maior experiência” de vida.

No Prólogo da Mulher de Bath, o narrador também deixa claro que o poder dela é inegável, especialmente ao levar-se em consideração que ela o detém sem vergonha: como aponta Carruthers (2005, p. 41), “poder sempre é incômodo para aqueles que são submetidos a ele”,¹³ ao ponto de quando mulheres – as quais sempre foram submetidas ao poder e dominação dos homens, mas que, em contraste, foram condicionadas a aceitar passivamente sua submissão – detêm poder, elas encontram resistência e são vilificadas, demonizadas. Em meio à sua companhia de viagem, entretanto, Alice é respeitada por seu poder e autoridade, como já mencionado. É importante enfatizar, entretanto, como ela adquiriu esse poder e dele fez uso: a Mulher o confisou de seus maridos, utilizando-se de características e ações tipicamente masculinas, como discursos agressivos, manipulação, e violências verbal, física e sexual. No que concerne o ato sexual, por exemplo, ela admite abertamente sua crença de que seus maridos lhe devem sexo por causa do matrimônio – invertendo, por conseguinte, as posições de gênero, já que a ideia prevalente é a de que a mulher deve relações sexuais ao seu marido devido ao matrimônio, independentemente de suas vontades. Alice torna-se o elemento ativo, enquanto seus maridos são passivos, meramente fazendo o que ela queria, afirmação essa que traz em si uma ruptura, podendo ser ratificada perante citação de Perrot (2006, p. 23, grifo nosso) em sua obra *Minha história das mulheres*: “A frieza da mulher se opõe ao calor do homem. Ela é noturna, ele é solar. *Ela é passiva e ele, ativo*”. Ademais, a personagem também admite maltratar e abusar verbalmente dos cônjuges a fim de manipulá-los para que estes subjugassem-se a ela, o que é uma clara representação da mulher “antifeminista” – similarmente descrita por Mann (2002, p. 66): “rebelde, ranzinza, dominadora”.¹⁴ Ao fazer e orgulhosamente admitir isso, Alice entra em conflito com o objetivo feminista de não tentar dominar e violar os homens de maneira igual à que eles fizeram com as mulheres, e de buscar atingir equidade por outros meios, ao invés de aderir aos instrumentos violentos dos homens.

Em meio a isso, Alice também rompe com o ciclo no qual as posições social e econômica das mulheres sempre estiveram fortemente conectadas às suas relações com homens, isto é, elas sempre precisaram depender deles – quer fossem seus pais, irmãos ou marido(s) – para que pudessem ascender na estrutura social, já que

¹³ “power is always troubling to those who are subjected to it”.

¹⁴ “rebellious, nagging, domineering.”

elas não tinham o direito de trabalhar “fora de casa”. Como apontado por Armstrong (2006, p. 102), mulheres precisavam ser, de alguma forma, atraentes para os homens a fim de “capturá-los” para que eles elevassem as posições sociais delas por meio do casamento – um condicionamento cujo resultado foi a subordinação delas aos homens e que colocava o matrimônio como o principal objetivo de vida delas. Embora a Mulher de Bath tenha de fato elevado sua posição social através do casamento com seu primeiro marido, ela rompe com o ciclo supramencionado ao recusar-se a tentar “encantar” os maridos posteriores, especialmente depois de eles abrirem mão de todo o seu dinheiro em favor dela. Desse ponto em diante a personagem usa seu intelecto e experiência de vida para se impor e ascender na hierarquia socioeconômica sem ter que depender dos homens em sua vida. De fato, o oposto acontece: o motivo de ela ser “atraente” para os outros homens com quem se casa é o seu próprio status social e econômico, o que significa uma inversão dos papéis socioeconômicos feminino e masculino. Casamento para Alice, então, é algo que ela faz somente por capricho, e não por imposição social. Concomitantemente, porém, ela continua a usar o casamento como uma ferramenta para ascender social e economicamente, já que ela sempre dá um jeito de tomar para si o dinheiro de seus maridos. Tal fato, contudo, expõe certa desestabilização do que é “típico”, posto que a personagem usa, à sua própria maneira e por vontade própria, o condicionamento social que lhe foi imposto. À sua maneira, a Mulher de Bath usa esse condicionamento social contra ele próprio.

Outra característica inegável é a inteligência e o conhecimento de mundo detidos por Alice – habilidades que ela adquiriu e evoluiu ao longo de sua vida por meio da leitura, consequentemente desenvolvendo habilidades de pensamento crítico. Tal fato expõe o alinhamento da personagem às crenças de estudiosas feministas – como Mary Wollstonecraft – de que acesso à educação resulta em desenvolvimento de habilidades intelectuais, as quais levam à resistência à opressão. Embora não tenha recebido uma educação “formal”, em suas falas, Alice argumenta diversas vezes contra crenças sociais e religiosas a respeito do casamento, de castidade e até mesmo da educação das mulheres. Um exemplo de relevância é a maneira como ela usa o rei Salomão, Abraão e Jacó – todos homens – para justificar seus múltiplos casamentos, deixando claro que ela não se vê como inferior a esses personagens bíblicos: se Deus permitiu a eles múltiplos casamentos, a ela também é permitido. Nesse ponto, é relevante apontar que ela se vê como igual a tais homens, isto é, ela não se enxerga como inferior a eles por ser mulher, novamente rompendo com o condicionamento ao qual as mulheres foram submetidas – diz-se, se enxergarem como inferiores aos homens. Alice também questiona a imposição da virgindade quando defende seu direito de casar-se várias vezes, diretamente perguntando onde na Bíblia foi dito que Deus ordenou tal virgindade. Ela também usa as palavras do Apóstolo Paulo para sustentar seu argumento de que às mulheres foi, na verdade, dada a escolha de aderir ou não à virgindade. Adicionalmente, ela admite sua concordância a certas concepções de seu tempo – como a superioridade do celibato ao casamento, e a “perfeição” da virgindade e abstinência – embora concomitantemente rejeite tais concepções ao deixar claro que não só aceita sua sexualidade, como não se sente inferior por ela. Esse apontamento é feito sob a luz de afirmações de teóricas feministas – como Kate Millett em *Políticas Sexuais* (1970) e Kari Weil (2006) em *The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory* – segundo as quais a sexualidade das mulheres sempre foi circundada por tabus e restrições, geralmente sendo limitada à reprodução e não se estendendo ao prazer, este último sendo somente permitido aos homens. Como apontado por Millett

(1970), a sociedade repudia os desejos sexuais femininos, o que resultou na visão negativa que a próprias mulheres têm de seus desejos sexuais. Em contraste, Alice admite e sente orgulho de sua sexualidade: "*In wifehood I will use my instrument / As freely as my Maker me it sent*".¹⁵ (Chaucer, 2003, p. 262). O fato de ter casado novamente também expõe sua resistência ao que era esperado de seu gênero, já que viúvas deviam "parar de viver" assim que seus maridos morriam.

A habilidades intelectuais de Alice também expõem seu conhecimento de história e literatura, quando ela fala sobre mulheres consideradas "vis" por seu quinto marido. Mais que isso, entretanto, é importante ressaltar que Alice tem consciência da representação dessas personagens históricas, isto é, ela critica abertamente como mulheres foram vilificadas ao longo dos anos, reclamando: "*For trust me, it's impossible, no libel, / That any cleric shall speak well of wives, / Unless it be of saints and holy lives, / But naught for other women will they do*".¹⁶ (Chaucer, 2003, p. 221). Ela também demonstra estar ciente dos estereótipos que giram em torno e controlam seu gênero: em certo ponto de sua fala, ela expõe o ponto de vista dos homens acerca das mulheres por meio da repetição de frases e concepções que eles comumente têm sobre elas – diz-se, como mulheres devem ser graciosas ou provocantes, saber cantar ou dançar, e ter mãos pequenas. Em meio a isso, não só ela critica como, independentemente do quanto "boa" ou "adequada" a mulher seja/aja, ela nunca será "boa o suficiente" para os homens, mas Alice também demonstra consciência de que toda representação da mulher "malvada" que existe – na vida real e na literatura – foi criada por homens – e, por conseguinte, provavelmente não condiz com a realidade – o que também foi criticado pelo feminismo. Alice trata disso também ao dizer "*By God, if women had but written stories, / As have these clerks within their oratories, / They would have written of men more wickedness / Than all the race of Adam could redress*".¹⁷ (Chaucer, 2003, p. 221). É importante enfatizar que ela também se utiliza de argumentos "feitos por homens" para justificar sua opressão de seus maridos. Posto de outra forma, ela usa a visão que homens têm das mulheres contra eles, e como justificativa para a maneira como ela trata – e maltrata – seus maridos.

Ao mesmo tempo em que critica os estereótipos de seu gênero, porém, Alice também interage com e adere a eles. Por exemplo, ela admite abertamente que mente, manipula e trai seus maridos, agindo de acordo com as ideias que homens têm de mulheres. Não só isso, mas ela também demonstra acreditar que as mulheres são sim "malvadas", afirmando que mentir faz parte da natureza feminina em qualquer idade, apesar de suas reclamações que havia feito sobre essa concepção: "*No one can be so bold – I mean no man – / At lies and swearing as a woman can*"¹⁸ (Chaucer, 2003, p. 264) e "*Lies, tears and spinning are the things God gives / By nature to a woman, while she lives*"¹⁹ (Chaucer, 2003, p. 269). Ou seja, apesar de reclamar das representações das mulheres, ela própria demonstra crer em tais representações,

¹⁵ "no casamento, hei de usar o meu aparelhinho com a mesma generosidade com que ele me foi dado pelo Criador" (Chaucer, 1991, p. 139).

¹⁶ "é impossível encontrar um letrado que fale bem das mulheres (a não ser nas biografias das santas; fora isso, nunca)" (Chaucer, 1991, p. 147).

¹⁷ "se, em vez dos doutos nos claustros, fossem as mulheres que escrevessem as histórias, veríamos mais maldade entre os homens do que todos os representantes do sexo de Adão poderiam redimir" (Chaucer, 1991, p. 147).

¹⁸ "pois os homens não conseguem jurar e mentir nem a metade do que as mulheres costumam" (Chaucer, 1991, p. 140).

¹⁹ "Deus quis que as mentiras, as lágrimas e as intrigas fizessem parte da natureza da mulher, em todas as idades" (Chaucer, 1991, p. 143).

bem como age de maneiras que se assemelham a elas. Através de suas ações, Alice perpetua estereótipos femininos, como usar o corpo para controlar seus maridos ao rejeitar relações sexuais para conseguir algo e – quando está brigando com eles – dizer que eles deveriam se conformar com a perda por serem mais ‘racionais’ que mulheres: “*One of us must be master, man or wife, / And since a man’s more reasonable, he / Should be the patient one, you must agree*”²⁰ (Chaucer, 2003, p. 270). Tudo isso, porém, pode ser visto como Alice utilizando-se de um argumento que normalmente diminui seu gênero a fim de atingir seus objetivos, o que também foi sugerido por Mann (2002, p. 64): “a Mulher usa ataques tradicionalmente masculinos ao seu sexo como uma forma de legitimar seu próprio discurso”.²¹

As perspectivas da Mulher acerca de seu gênero, porém, não se limitam ao Prólogo da personagem: aparecem também em seu Conto, visto que Chaucer escreveu sua obra de um modo no qual as personalidades e crenças de suas personagens refletissem nas histórias por elas contadas. No caso da Mulher, o tema de abrir mão do poder sobre o cônjuge que permeia seu Prólogo aparece de uma forma mais abrangente em seu Conto, como aponta Mann (2002). A história contada por Alice é um romance de cavalaria que se passa na corte do Rei Arthur, a qual, embora descrita como ‘gloriosa’, também é retratada como um lugar no qual atos violentos podem ocorrer: já no segundo parágrafo da narrativa, uma ‘jovem donzela’ é sexualmente violentada por um dos cavaleiros do Rei. Para Mann (2002), o estupro é representativo da soberania dos homens sobre as mulheres, pois expõe a mentalidade dos homens de que eles são donos dos corpos das mulheres, podendo então usá-los quando e como lhes for conveniente – independentemente dos desejos e vontades delas. Também é importante apontar que – ao violentar uma mulher, o homem normalmente segue normalmente sua vida, sem qualquer tipo de punição ou justiça por seu crime, o que lhe fornece ainda mais poder e possibilita a repetição de suas ações no futuro. No conto da Mulher, entretanto, o cavaleiro é condenado à morte por decapitação, como consequência das reivindicações da corte do Rei. Isso mostra que a injustiça e violação sofridas pela donzela não são ignoradas, o que também expõe como o direito dela de ter controle sobre seu próprio corpo é valorizado pela sociedade na qual vive. Tal constatação se alinha à crença feminista de que os corpos femininos são delas próprias, e não um objeto que os homens podem usar quando lhes for conveniente.

Um segundo apontamento relevante é como a ação do cavaleiro é considerada violenta o bastante para que ele seja imediatamente condenado à morte apesar de seu status social elevado. Mais importante, contudo, é como as crenças de Alice podem ser identificadas nesse fato: seu conto retrata um cenário no qual as ações violentas de um homem contra uma mulher não terminam sem punição. O cavaleiro não é punido de imediato, entretanto, pois a Rainha e algumas das damas da corte intervém em favor dele, levando o Rei a dar à sua esposa a responsabilidade de determinar a punição do cavaleiro. Isso o posiciona em submissão em relação a uma figura feminina – o exato oposto do que o levou a essa situação. A Rainha lhe dá um ano e um dia para dizer o que as mulheres mais querem e, caso ele falhe em dar uma resposta, então ele morreria. Tal cena pode ser analisada como a Mulher de Bath objetivando colocar o homem em uma posição na qual ele possa se identificar com uma mulher, bem como entender e valorizar suas vontades e desejos, já que o cavaleiro está literalmente à mercê da Rainha.

O cavaleiro segue em viagem pelo reino, perguntando a toda mulher com quem se encontra e falhando em conseguir uma resposta definitiva e única. Vale ressaltar que o cavaleiro está, mais uma vez, em uma posição de contraste com a

²⁰ “Um de nós dois tem que baixar a cabeça, quanto a isso não resta dúvida; e como o homem é mais ajuizado que a mulher, é você quem deve se conformar” (Chaucer, 1991, p. 143).

²¹ “The Wife uses the traditional masculine attacks on her sex as a way of legitimizing her own tirade”.

ocupada por ele no início do conto: ao abusar de seu poder (masculino) contra uma mulher, ele agora tem que depender de várias delas para continuar a viver. Seu tempo está quase acabando quando, no caminho de volta para a corte, ele encontra uma velha megera,²² a qual lhe oferece um acordo: ela lhe dará a resposta, desde que ele prometa realizar um desejo depois. Em desespero para salvar a própria vida, o cavaleiro concorda, submetendo seu livre-arbítrio para a velha megera, e os dois retornam à corte. Aqui, é possível novamente observar a inversão dos papéis de gênero realizada pela Mulher de Bath: as mulheres – que sempre dependeram dos homens – tornam-se as pessoas de quem o homens depende.

A resposta dada à Rainha pelo cavaleiro é a seguinte: “*Women desire to have the sovereignty / As well upon their husband as their love, / And to have mastery their man above; / This thing you most desire, though me you kill / Do as you please, I am here at your will.*”²³ (Chaucer, 2003, p. 228). Essa é a fala que expõe mais predominantemente o ponto de vista de Alice, visto que ela já havia discutido a soberania da mulher sobre seu marido. Vale ressaltar também que o cavaleiro não só reconhece o suposto desejo das mulheres por soberania, como também cede tal soberania a elas, quando afirma estar ao dispor – isto é, à mercê – da Rainha. A fala também expõe como sua crença é contrastante com a do feminismo, posto que o movimento não busca inverter as posições de poder entre homens e mulheres – seu objetivo é que ambos os sexos sejam tratados igualmente.

Quando as damas da corte concordam com a resposta, a velha megera exige o desejo que lhe havia sido prometido: o cavaleiro deve casar com ela, e ele o faz, embora contra sua vontade. Mann (2002, p. 72) argumenta que “o casamento forçado com a com a velha desagradável é uma fantasia de realização de um estupro-às-avessas”,²⁴ embora de um modo mais ‘leve’, já que é resultado da promessa do cavaleiro – isto é, ele deu seu consentimento, enquanto a dama que ele violou não o fez. Ainda assim, é, mais uma vez, o modo como a Mulher de Bath coloca um homem numa posição de desconforto e contra a sua vontade, a qual é comumente ocupada por mulheres.

O cavaleiro evita a esposa ao longo de toda a cerimônia e, quando o encontra no quarto, a velha o questiona sobre seu comportamento, ao que ele responde que ela é repulsiva demais, sendo feia, pobre e velha, e que ele preferiria morrer a ser casado com ela. A mulher lhe dá uma lição de moral em virtude, nobreza e riqueza, citando Cristo e Dante, e finaliza como segue:

‘Choose, now,’ said she, ‘one of these two things, aye, / To have me foul and old until I die, / And be to you a true and humble wife, / And never anger you in all my life; / Or else to have me young and very fair / And take your chance with those who will repair / Unto your house, and all because of me, / Or in some other place, as well may be. / Now choose which you like better and reply’²⁵ (Chaucer, 2003, p. 231-232).

Quando o cavaleiro opta por ceder a escolha para sua esposa, afirmindo confiar em sua sabedoria, ele abre mão de sua soberania no casamento em favor da mulher. Exatamente como quando sua vida dependia da Rainha e de suas damas, o

²² No texto original, a personagem é referida como ‘old hag’, tendo aqui sido traduzido literalmente.

²³ “[...] é que o que as mulheres mais ambicionam é mandar no marido, ou dominar o amante, impondo ao homem a sua sujeição. Ainda que me mate, digo que esse é o seu maior desejo. Vossa Majestade agora pode fazer comigo o que quiser: estou ao seu dispor” (Chaucer, 1991, p. 153).

²⁴ “[...] the forced marriage with the foul old hag is a fantasy realization of rape-in-reverse [...].”

²⁵ “‘Escolha agora’, concluiu ela, ‘uma destas duas coisas: ou ter em mim uma mulher feia e velha até o fim de seus dias, mas humilde, fiel e sempre disposta a agradá-lo a vida inteira; ou ter em mim uma esposa jovem e atraente, correndo o risco de ver-me receber constantes visitas em sua casa... ou, conforme o caso, em algum outro lugar. Vamos lá, escolha o que prefere” (Chaucer, 1991, p. 156).

sucesso de seu casamento agora depende totalmente de sua esposa. Por sua desistência de seu poder, a velha megera promete ser uma esposa leal e bela, transformando-se em seguida em uma linda donzela. Sobre a finalização do conto, Mann (2002) expõe duas análises opostas: primeiro, pode ser uma forma de a Mulher de Bath criticar como o cavaleiro abdicou de sua soberania sobre a esposa a fim de justificar suas próprias ações – isto é, adquirir soberania sobre seus próprios maridos. Esse apontamento traz à frente a ideia de que homens devem abrir mão da soberania no casamento em favor de suas esposas e Alice está, consequentemente, correta em seus casamentos. A segunda perspectiva é que o conto pode ser uma crítica de como, apesar de abrir mão de sua soberania, o cavaleiro quase imediatamente a consegue de volta, já que sua esposa se transforma e lhe promete total obediência. Mann (2002) também aponta que a abdicação do homem como condição para a obediência da mulher se torna uma resposta emocional, resultando na obediência como escolha e não como obrigação. Tal apontamento se relaciona à ideia do feminismo sobre o direito das mulheres de escolherem como querem viver suas vidas. Posto de outra forma, uma vida de obediência ao marido é totalmente aceitável, desde que isso tenha sido escolha dela, e não uma imposição social.

Também é importante enfatizar como homens são representados no conto: ambos o cavaleiro e o Rei estão em posições de submissão ou de dependência em relação a mulheres. Como notado anteriormente, o cavaleiro precisa depender de diversas mulheres ao longo da narrativa, especialmente para continuar a viver. Similarmente, o Rei deixa claro por meio de suas ações que respeita sua esposa e a vê como igual, também confiando em seu julgamento quando lhe dá a responsabilidade de determinar a sentença do cavaleiro. Ao menos parcialmente, isso mostra um conflito da Mulher com o feminismo – ou seja, coloca as mulheres em uma posição de certa dominância e superioridade em relação aos homens. Ao mesmo tempo, se relaciona à visão da Mulher de que mulheres são detentoras de inteligência e são capazes de tomar decisões sensatas tanto quanto homens – algo também defendido pelo feminismo.

Um último ponto que vale ser mencionado é como, no conto, as mulheres nunca são retratadas como inferiores. Visto que no Prólogo, a Mulher critica a representação das mulheres na literatura e afirma que as coisas seriam diferentes se as mulheres contassem as histórias, em seu Conto ela faz questão de não retratar todas as mulheres como malvadas, intelectualmente incapazes, ou frágeis. A Rainha e a velha megera, por exemplo, são sábias, e suas ações e discursos ensinam uma lição ao cavaleiro. Mesmo a donzela do início do conto, a qual pode ser considerada ‘frágil’ por causa do que acontece com ela, não o é completamente, já que a narrativa expõe como ela luta e tenta se defender contra seu atacante. Tudo isso pode ser visto como uma tentativa da Mulher de Bath de representar seu gênero de uma forma mais realista, diferente de como elas normalmente eram representadas nas histórias: Alice traz mulheres que são tão capazes quanto homens, e não inferiores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Mulher de Bath criada por Chaucer tem sido muito examinada por acadêmicos ao longo dos anos. Como apontado no presente trabalho, sua popularidade e relevância se deu pelo fato de seu modo de agir e suas falas – tanto explícitas em seu Prólogo, como explícitas em seu Conto – entra em confronto com as ideias e crenças dominantes no período em que ela vivia. Também se apontou que a personagem rompe com muitos estereótipos, especialmente aqueles

concernentes a mulheres, seus papéis na sociedade e seus relacionamentos com homens no matrimônio. Por conseguinte, muitos acadêmicos conectaram a Mulher aos ideais promovidos pelo movimento feminista, como equidade de gênero, direitos das mulheres, e a representação da mulher na literatura.

Esse artigo objetivou identificar no Prólogo e Conto da Mulher de Bath semelhanças entre o discurso, as ações e as crenças da personagem, e a ideologia e as reivindicações promovidas pelo feminismo contemporâneo – isto é, as ideias propostas ao longo das três ‘ondas’ do movimento. O estudo teve como ponto de partida a hipótese de que, embora vivesse em um período conhecidamente misógino, a personagem de Chaucer expõe certo pensamentos e ações as quais contradizem e desafiam a ideologia dominante de sua sociedade, consequentemente deixando claro que tal atitude desafiante de fato existia naquela época. Para atingir tal objetivo, utilizou-se de trabalhos de acadêmicas e teóricas feministas, a fim de revisar a história e as principais crenças e reivindicações do movimento, bem como de fortalecer a fundamentação teórica do trabalho.

Como também foi explicitado, a natureza qualitativa desse artigo não possibilita uma resposta universal e definitiva: em certos pontos de seu discurso, ficou claro que Alice rompe com diversos estereótipos – ambos positivos e negativos – da figura feminina, enquanto em outros momentos, ela adere a eles de uma maneira que os afirma e perpetua. Quanto à ruptura, observou-se que ela desafia crenças patriarciais como a intelecto das mulheres – isto é, sua suposta inferioridade intelectual –, sua dependência de e submissão aos homens em todo aspecto de suas vidas, como era esperado que elas se reprimissem – principalmente no que concerne à sexualidade e desejos sexuais – e sua suposta “maldade”, tanto na vida real quanto na literatura – algo diretamente criticado por Alice, e desafiado por meio de sua fala e ao longo do conto narrado por ela.

No que concerne a como ela adere aos estereótipos, também se viu que Alice abusa do poder que ela detém sobre seus maridos ao agir de uma forma mentirosa, manipuladora e dominante a qual se assemelha a um comportamento tipicamente masculino e machista. Isso significa que ela inverte as posições de gênero, consequentemente entrando em conflito com as ideias e objetivos do feminismo – as quais não incluem agir com eles da mesma forma que eles agem com as mulheres. A personagem também fala explicitamente sobre as mulheres serem ‘enganosas por natureza’ – uma crença/argumento típica da sociedade patriarcal – e ela própria age dessa maneira, consequentemente expondo sua concordância com esse ponto de vista, bem como sua ajuda em perpetuar essa visão.

Todas essas perspectivas também aparecem no conto narrado por Alice, especialmente a ideia de as mulheres deterem soberania no casamento, e a inversão das posições de poder entre os sexos – algo que, novamente, vai contra as reivindicações feministas. Concomitantemente, a personagem denuncia e critica a opressão das mulheres pelos homens – através do enredo sobre violência sexual e suas consequências – e a supramencionada representação das mulheres na literatura – por meio de sua própria representação de personagens mulheres que são sábias, inteligentes, e não agem passivamente.

Em seu todo, o presente estudo permite a afirmação de que a Mulher de Bath é de fato uma personagem icônica. Apesar de ter existido em um período perpetrado por uma mentalidade misógina, se posiciona de forma semelhante às reivindicações e argumentos realizados pelo movimento feminista contemporâneo no que concerne o status das mulheres na sociedade. Alice claramente pensa de forma crítica sobre isso, expressando suas opiniões abertamente, mesmo que estas às vezes desafiem

a ideologia dominante. Ela também faz isso ao ponto de “masculinizar-se”, o que também possibilitou a afirmação de que ela contradiz as crenças do movimento.

Ao longo dos anos, a Mulher de Bath foi considerada uma “protofeminista” por alguns, e uma “antifeminista” por outros. Esse artigo a viu com ambos, mas também como nenhum dos dois: a Mulher de Bath alterna-se entre seus posicionamentos, os quais convergem e divergem do feminismo. Independentemente disso, é inegável que ela se mantém relevante no atual século XXI, posto que suas falas e ações desafiam as imposições sociais misóginas de seu tempo em ecos que se assemelham aos pensamentos feministas contemporâneos, seja de uma forma convergente ou divergente, expondo assim que pensamentos desafiadores de fato existiam naquele tempo.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Nancy. What feminism did to novel studies. In: ROONEY, Ellen (Org.). **The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 99-109.

CARRUTHERS, Mary. The Wife of Bath and The Painting Of Lions. In: EVANS, Ruth; JOHNSON, Leslie (Org.). **Feminist Readings in Middle English Literature: The Wife of Bath and all her sect**. 1. ed. New York: Routledge, 2005. p. 21-51.

CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. Tradução de Paulo Vizioli. 1. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

CHAUCER, Geoffrey. **The Canterbury Tales**. 1. ed. London: Penguin Books, 2003. Translated into Modern English by Nevill Coghill.

DONOVAN, Josephine. **Feminist Theory: The Intellectual Traditions**. 3. ed. New York: Continuum, 2006.

EAGLETON, Mary. Introduction. In: EAGLETON, Mary. (Org.). **A Concise Companion to Feminist Theory**. 1. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 1-10.

EVANS, Ruth; JOHNSON, Leslie. Introduction. In: EVANS, Ruth; JOHNSON, Leslie. (Org.). **Feminist Readings in Middle English Literature: The Wife of Bath and all her sect**. 1. ed. New York: Routledge, 2005. p. 1-20.

MANN, Jill. **Feminizing Chaucer**. 2. ed. Cambridge: D. S. Brewer, 2002.

MILLETT, Kate. **Política Sexual**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MORTIMER, Ian. **The Time Traveler's Guide to Medieval England – A Handbook for Visitors to the Fourteenth Century**. 1. ed. New York: Touchstone, 2008.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ROONEY, Ellen. Introduction. In: ROONEY, Ellen. (Org.). **The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 1-28.

ROONEY, Ellen. The literary politics of feminist theory. In: ROONEY, Ellen. (Org.) **The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 73-95.

SCANLON, Larry. Geoffrey Chaucer. In: SCANLON, Larry. (Org.). **The Cambridge Companion to Medieval English Literature 1100-1500**. 1. ed. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 165-178.

SCASE, Wendy. Re-inventing the vernacular: Middle English language and its literature. In: SCANLON, Larry. **The Cambridge Companion to Medieval English Literature 1100-1500**. Cambridge University Press: New York, 2009. p. 11-24.

SHOWALTER, Elaine. Feminist Criticism in the Wilderness. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 8, n. 2, Writing and Sexual Difference, 1981, p. 179-205.

TAVARES, Ana Luiza Souza. **"We wol been at oure large"**: o Conto da Mulher de Bath sob a ótica do feminismo contemporâneo. 2020.72p. Monografia (Graduação em Letras Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, 2020.

WEIL, Kari. French feminism's *écriture feminine*. In: ROONEY, Ellen (Org.). **The Cambridge Companion to Feminist Literary Theory** (org). 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 153-171.